

Barra da Tijuca: onde o Rio é mais desigual

Estudo mostra que abismo social entre ricos e pobres é maior do que em bairros de alta renda da Zona Sul

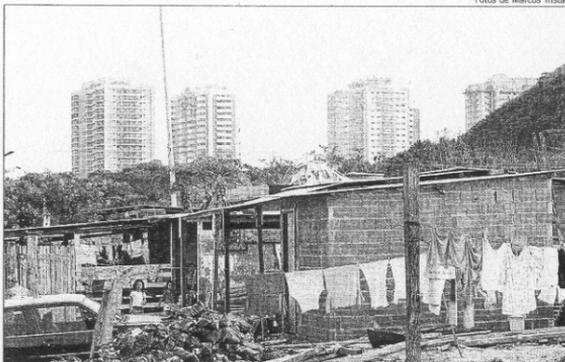
Paulo Marquero

• Ela já foi chamada de Miami brasileira. Mas, apesar das semelhanças com a cidade americana, da profusão de palácios em inglês nos letrados dos prédios e do culto ao *American way of life*, a Barra da Tijuca é o retrato do Brasil: a região é a mais desigual do Rio e a que mais se aproxima do índice de desigualdade do país. Ou seja, na Barra, a distância entre os mais ricos e os mais pobres é maior do que em qualquer outro lugar da cidade. A constatação faz parte de um estudo feito pelo Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em parceria com a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida e com o Banco Rio de Alimentos, do Sesc.

Igualdade, só na pobreza das favelas

De acordo com o estudo, coordenado pelo professor Marcelo Cortés Neri, o Índice de Gini (que mede o grau de desigualdade) na Região Administrativa da Barra é de 0,59, quase idêntico ao do Brasil (0,60) e maior do que o de regiões como Lagoa (0,55), Copacabana (0,52), Tijuca (0,51), Botafogo (0,49) e Vila Isabel (0,49). A pesquisa, uma continuação do "Mapa do Fim da Fome II", mostra ainda que as regiões menos desiguais são as favelas do Complexo do Alemão (0,44), da Maré (0,42) e do Jacarecinho (0,41). O Índice de Gini varia de zero a um. Quanto mais próximo de zero, maior é a desigualdade.

A Barra, um pouco dos dois mundos, do mundo da favela — diz Marcelo Neri. — Ela tem algumas características das comunidades de baixa renda, como a pouca participação de idosos e a pouca transferência de renda por parte do estado.



A PEQUENA FAVELA na altura do Km 11 da Avenida das Américas contrasta com as torres dos condomínios

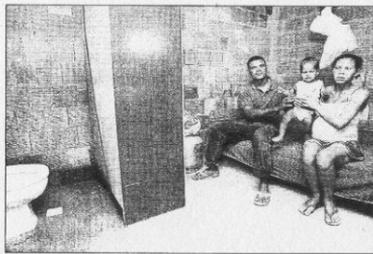
Às vezes, esses dois mundos se encontram separados apenas por uma pista. No Km 11 da Avenida das Américas, cerca de 40 famílias vivem num ma favela que emerge em frente ao Condomínio das Mansões, onde as casas custam de R\$ 800 mil a R\$ 3 milhões.

Uma dessas famílias é a de Joaquim Elias Calixto, de 33 anos, pintor desempregado. Ele vive com a mulher, Francinery da Silva, de 19, que está grávida de nove meses, e com o filho de 1 ano num cômodo de nove metros quadrados.

— Quando chove, tenho de trocar a cama de lugar por causa das goteiras — conta Joaquim. — Mas dos graças a Deus de não estar num lugar pior.

Barra tem a 2ª maior renda: só perde para a Lagoa

Maria José Camilo da Silva, mãe de dois filhos, faz bolo e salgadinhos para vender nos canteiros de obras. Quando as coisas vão bem, consegue juntar R\$ 400 por mês. É o dinheiro



JOAQUIM e sua família: casa de nove metros quadrados na Barra

do lanche dos operários que alimenta os filhos de Maria José. Ela não tem qualquer outra fonte de renda. Até a bolsa-escola de dois filhos (R\$ 30), segundo ela, foi cortada ano passado.

— Levanto às quatro e meia da manhã todos os dias para esquentar massa. E na manhã, porque não tenho batedeira — conta.

O presidente da Câmara Comunitária da Barra, Delair

Dumbrosck, se mostrou surpreso com o estudo da FGV. Mas disse que o abismo social do bairro tem explicação:

— Existe desigualdade em todo o Rio. No Leblon também. Agora, em relação à Barra, falta ao governo uma política habitacional. Essas pessoas vivem em lugares sem infraestrutura, tudo é clandestino. Falta também

O ranking da desigualdade

R.A.s	Índice Gini
BRASIL	0,60
Barra	0,59
Lagoa	0,55
Santa Teresa	0,55
Ilha	0,54
Jacarepaguá	0,53
Rio Comprido	0,53
Copacabana	0,52
Tijuca	0,51
Penha	0,51
Campo Grande	0,51
Guaratiba	0,51
Méier	0,50
Ramos	0,50
Botafogo	0,49
Vila Isabel	0,49
São Cristóvão	0,49
Realengo	0,49
Santa Cruz	0,49
Irajá	0,48
Inhaúma	0,48
Madureira	0,48
Bangu	0,48
Anchieta	0,47
Pavuna	0,47
Cidade de Deus	0,46
Centro	0,46
Portuguesa	0,45
Rocinha	0,45
Morro do Alemão	0,44
Paqueta	0,43
Maré	0,42
Jacarecinho	0,41

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo demográfico de 2000/IBGE

RA da Lagoa, que abrange ainda Leblon, Gávea, Ipanema e Vidigal (R\$ 2.227,16).

No outro extremo estão as favelas do Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio, onde a renda média é de R\$ 177,31. O que significa dizer que a renda na Lagoa é 12 vezes maior do que no Alemão.

Presença do estado é maior nos bairros mais ricos

Marcelo Neri separou cinco regiões administrativas do topo da lista — Lagoa, Copacabana, Botafogo, Tijuca e Vila Isabel — e cinco comunidades de baixa renda: Rocinha, Cidade de Deus, Maré, Jacarecinho e Complexo do Alemão. E constatou que a presença do estado é maior nas regiões mais ricas do que nas menos favorecidas.

Segundo o estudo, as aposentadorias, as pensões e os programas de complementação de renda (como Bolsa-Escola ou Cheque Cidadão) somados representam de 19,2% a 33,8% da renda média das famílias nas regiões mais favorecidas. E de 10% a 20,6% nas comunidades de baixa renda.

A situação se repete em relação à infra-estrutura. Nas regiões de Lagoa, Copacabana, Botafogo, Tijuca e Vila Isabel, o percentual de domicílios com rede de esgoto varia de 94,5% a 99,3%. Já nas comunidades de Rocinha, Cidade de Deus, Maré, Jacarecinho e Complexo do Alemão, esse percentual vai de 62% a 95%.

Em regiões de baixa renda, o telefone ainda é um artigo de luxo. Na Rocinha, por exemplo, 80% das famílias não têm linha fixa. Em Copacabana e Botafogo, o percentual dos sem-telefone é de 10%. ■

► NO GLOBO ON LINE:

Pesquisa: A Barra da Tijuca é o bairro do Rio com maior desigualdade social?

www.globo.com.br/rio